

Parentes de reféns invadem Parlamento de Israel

Famílias interromperam sessão de comissão parlamentar e exigiram que legisladores 'façam mais' para libertar os 132 israelenses ainda em Gaza; imprensa relata nova proposta de trégua que incluiria salvo-conduto para líderes do Hamas

Um grupo de parentes de israelenses mantidos reféns pelo grupo fundamentalista islâmico palestino Hamas e seus aliados invadiu uma sessão de uma comissão parlamentar em Jerusalém ontem. Os parentes exigiram que os legisladores "façam mais" para tentar libertar seus entes queridos, publicou a agência Reuters. Ao todo, estima-se que 132 pessoas ainda sejam mantidas como reféns na Faixa de Gaza, que é controlada pelo Hamas.

Uma mulher exibiu fotos de três familiares que estavam entre os cerca de 240 sequestrados nos ataques terroristas de 7 de outubro, quando a ofensiva do Hamas e grupos aliados, como a Jihad Islâmica, deixou 1,2 mil mortos em Israel. Outras pessoas enguraram cartazes que diziam: "Vocês não vão ficar sentados aqui enquanto eles morrem lá".

NOVA TRÉGUA EM DISCUSSÃO

A ação ocorre após parentes e apoiadores dos reféns acamparam em frente à casa do premier Benjamin Netanyahu em Jerusalém. O grupo anunciou baracas para exigir que o governo chegue com urgência a um acordo para libertar as vítimas e entem rego à água tingida de vermelho na rua.

— Há o sentimento de que decidiram desistir das vidas dos mais de cem reféns que ainda estão vivos — disse Ayala Metzger, filha do refém Yo-



Pressão. Familiares de reféns israelenses invadem sessão de comissão no Parlamento em Jerusalém: "Vocês não vão ficar sentados aqui enquanto eles morrem lá", dizem cartazes do grupo

ram Metzger, de 80 anos, à agência Reuters. — O papel de Israel é proteger seus cidadãos e, neste exato momento, isto não está acontecendo. Espero que este "sangue" tenha chegado à casa de Netanyahu.

Ontem, ele se reuniu com parentes de reféns e, segundo relatos de pessoas presentes à Reuters, mostrou-se disposto a fazer concessões como parte de um novo acordo com o Hamas. Ele, no entanto, teria deixado claro que vê uma correlação entre a pressão militar em Gaza e a questão dos reféns.

Segundo o site Axios, Israel fez uma proposta, por meio de negociadores catari e egípcios, de uma trégua de até dois

meses como parte de um acordo de mais amplo que inclua a libertação de todos os reféns. A CNN disse que Israel propôs garantir a saída de líderes do Hamas de Gaza como parte do acordo, segundo fontes próximas às discussões. A proposta teria sido feita pelo chefe do Mossad, o serviço secreto externo de Israel, David Barnea, em dezembro e repetida este mês ao secretário de Estado americano, Antony Blinken, no Catar.

JUSTIFICATIVA DO HAMAS

Até agora, 110 reféns foram libertados, em sua maior parte durante de um acordo de cessar-fogo temporário entre Is-

rael e o Hamas mediado pelo Catar em novembro. Em negociações em separado, 23 tailandeses e um filipino foram libertados, além de três cidadãos russos. Em troca, 180 palestinos foram libertados de prisões israelenses. O acordo também liberou a entrada de mais caminhões com ajuda humanitária em Gaza.

O protesto em Jerusalém começou quando Netanyahu rejeitou no domingo as condições impostas pelo Hamas para a libertação do restante dos reféns. A decisão do primeiro-ministro, por sua vez, ocorreu depois de o grupo extremista divulgar um documento justificando o ataque contra Esta-

dos judeus em 7 de outubro, referindo-se à agressão como um "passo necessário e uma resposta normal a todas as conspirações israelenses contra a população palestina".

— Em troca da libertação dos reféns, o Hamas exige o fim da guerra, a retirada das nossas forças de Gaza, a libertação de todos os assassinados. Se aceitarmos, nossos soldados terão caído em vão. Se aceitarmos isso, não seremos capazes de garantir a segurança dos nossos cidadãos — rebateu Netanyahu. Lidando com pressões internas em seu governo de emergência, montado após o ataque do Hamas, e também ex-

ternas, Netanyahu tem se mostrado impassível sobre avaliar a ofensiva militar antes de atingir a meta estabelecida de destruição do Hamas — algo que analistas julgam improvável. Até agora, ataques israelenses já deixaram mais de 25 mil mortos, segundo o Ministério da Saúde de Gaza.

DESAVENÇA COM OS EUA

Na noite de sábado, o premier entrou de novo em rota de colisão com os EUA, rejeitando a ideia de criação de um Estado palestino como única solução para solucionar o conflito, como vêm pregando o presidente Joe Biden e membros de seu governo, como Blinken.

Modi inaugura templo hindu no lugar de mesquita

Iniciativa do premier nacionalista cimenta fim do Estado laico na Índia, que ele vem promovendo na busca de um terceiro mandato à frente do país

JOINT PHOTO BY AP/WIDEWORLD

O primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, inaugurou um templo em homenagem à divindade hindu Ram, na cidade de Ayodhya, ontem. O gigantesco templo foi erguido no local outrora ocupado por uma mesquita centenária demolida por nacionalistas hindus — e agora permanentemente substituída pelo local sagrado da religião dominante no país.

Ram é um dos deuses mais venerados entre os hindus da Índia — que são cerca de 80% da população de 1,4 bilhão de habitantes. Herói do épico Ramayana, ele é um rei e um modelo de virtude, exilado de sua terra natal, Ayodhya, que volta para casa para uma coroação jubileia. Há semanas, a consagração do templo, marcada para ontem, era vista com entusiasmo por seguidores do hinduísmo, que penduraram bandeiras de celebração por ruas e mercados e cartazes com a imagem da divindade, anunciando o evento em toda parte.

No entanto, para os cerca de 200 milhões de muçulmanos que vivem na Índia, a inauguração do templo de Ram foi vista com desespero e desapari, representando uma derrota histórica. A construção

foi feita no mesmo local onde ficava a Mesquita Babri, destruída em 1992 por nacionalistas hindus, evento que desencadeou uma onda de violência sectária que deixou milhares de mortos.

A forma como a mesquita foi arrasada abriu um precedente de impunidade que reverbera até hoje: linchamentos de homens muçulmanos acusados de abater ou transportar vacas, espancamentos de casais inter-religiosos para combater a chamada "blasfêmia de amor" e — em um caso de Ayodhya — "justiça com escavadeira", em que as casas de muçulmanos são arrasadas por autoridades sem o devido processo legal, na sequência das tensões religiosas.

LÍDER POLÍTICO E RELIGIOSO

A inauguração do templo e o fato de Modi ter sido a estrela do evento foram apontados como sinais de que a narrativa nacionalista hindu ganha cada vez mais espaço dentro do governo indiano, e que o premier não se importará de intensificar esse processo na busca por seu terceiro mandato.

Enquanto os pais fundadores da Índia esforçaram-se para manter o Estado afastado da religião, considerando a divisão um fator crucial para manter a coesão do país após o der-



ramamento de sangue provocado pela partilha do subcontinente indiano de 1947, que separou o Paquistão e Bangladesh da Índia, Modi normalizou o oposto.

Após completar os rituais de consagração ao lado de religiosos, Modi prostrou-se diante da estátua de Ram. A imagem de Modi como político e uma espécie de líder espiritual do país é cada vez mais indiscutível. O chefe de seu partido chamou-o há pouco de "o rei dos deuses". Antes da inauguração, a cidade estava coberta

de cartazes e outdoors do deus hindu e do político, lado a lado.

O premier cultua essa imagem. Antes da inauguração do templo, entrou em um ritual de purificação de 11 dias. Modi foi visto percorrendo templos por todo o país e, quando seu Gabinete divulgou fotos dele em sua residência alimentando vacas, que são vistas como sagradas por muitos hindus, canais de televisão as exibiram como notícias de última hora.

Entre suas expressões de devoção religiosa, Modi cuidou do trabalho do Estado, inaugu-

rando grandes projetos que perpetuam sua imagem de defensor do desenvolvimento. De acordo com analistas, a mistura de religião e política — somada à exploração dos vastos recursos ao seu serviço —, consequência, de certo modo, faz com que questionamentos a ele se equiparem a questionamentos à blasfêmia.

— Hoje, nosso Ram chegou. Depois de séculos de paciência e sacrifício, nosso Senhor Ram chegou. É o início de uma nova era — disse Modi duran-

te a cerimônia, vista como uma coroação do movimento nacional que visa estabelecer a supremacia hindu.

Apesar de a questão vir de logo após a independência da Índia, em 1947, foi apenas nos anos 1980 que a recuperação do local onde estava a mesquita surgiu como objetivo importante para o movimento Hindutva, que se opõe a líderes seculares como Gandhi e defendem a ideia da Índia como Estado hindu — um de seus integrantes, Nathuram Godse, matou Gandhi, em 1948. O jovem Narendra Modi participou de campanhas pela construção do templo.

Em 1992, o partido político que representa o Hindutva, o Bharatiya Janata (BJP, hoje dirigido por Modi) e os seus grupos aliados mobilizaram quase 100 mil pessoas para se reunirem em Ayodhya em 6 de dezembro. A frente do governo local, a legenda ordenou que a polícia não impedisse que a multidão cercasse, invadisse e destruísse a mesquita.

DÉCADAS DE DISPUTA

Por décadas, o terreno em questão foi alvo de disputas judiciais. Em 2019, após a vitória de Modi para um segundo mandato, a Suprema Corte abriu caminho para o desfecho atual. Considerou que a destruição da mesquita tinha sido um ato ilegal, mas depois emitiu uma sentença que liberou a construção do templo hindu. Aos muçulmanos, foi oferecido um terreno baldio a quilômetros de distância.

Chefes de alguns partidos políticos, bem como alguns líderes religiosos hindus, recusaram-se a comparecer à cerimônia pela confusão entre Igreja e Estado. (Como New York Times)